



B1

ISSN: 2595-1661

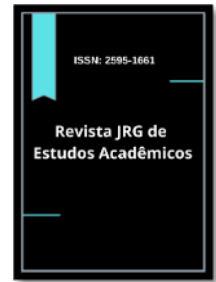
ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Gestar nas ruas: as dificuldades enfrentadas por mulheres grávidas em situação de rua no Brasil

Pregnancy on the streets: the difficulties faced by homeless pregnant women in Brazil

DOI: 10.55892/jrg.v8i18.2036

ARK: 57118/JRG.v8i18.2036

Recebido: 25/03/2024 | Aceito: 23/04/2025 | Publicado *on-line*: 24/04/2025

Yasmim Farias de Miranda¹

<https://orcid.org/0009-0004-4456-4382>

<http://lattes.cnpq.br/6423843313028632>

AFYA Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba, PB, Brasil

E-mail: yasmimfarias928@gmail.com

Mariana de Oliveira Vitalino²

<https://orcid.org/0009-0006-3619-1699>

<http://lattes.cnpq.br/9957347266013934>

AFYA Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba, PB, Brasil

E-mail: marianavitalino@gmail.com

María Luiza de Carvalho Galvão³

<https://orcid.org/0000-0002-2913-274X>

<http://lattes.cnpq.br/9170627671897343>

AFYA Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba, PB, Brasil

E-mail: malugalvao111@gmail.com

Jardyellen Matias Bezerra⁴

<https://orcid.org/0000-0002-0410-1584>

<http://lattes.cnpq.br/9877994019351888>

AFYA Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba, PB, Brasil

E-mail: jardyellenb@gmail.com

Ellen da Silva Rocha⁵

<https://orcid.org/0009-0003-4268-6928>

<http://lattes.cnpq.br/3790461068376617>

AFYA Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba, PB, Brasil

E-mail: ellenrocha95@gmail.com

Layza de Souza Chaves Deininger⁶

<https://orcid.org/0000-0001-5843-1805>

<http://lattes.cnpq.br/7571329923694281>

AFYA Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba, PB, Brasil

E-mail: layzadeininger@gmail.com



¹ Graduando(a) em Medicina pela AFYA Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba.

² Graduando(a) em Medicina pela AFYA Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba.

³ Graduando(a) em Medicina pela AFYA Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba.

⁴ Graduando(a) em Medicina pela AFYA Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba.

⁵ Graduando(a) em Medicina pela AFYA Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba.

⁶ Doutora e Mestra em Modelos de Decisão e Saúde pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Resumo

O artigo teve como objetivo entender sobre a violência contra as mulheres e a situação de rua na vivência do período gestacional, parto, puerpério e no direito de maternar. Buscando entender como as mulheres lidam com esse tipo de violência e a necessidade de políticas públicas e estratégias que garantam seus direitos e promovam sua proteção e dignidade. Realizou-se uma revisão integrativa da literatura, de agosto até novembro de 2024, na base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). De acordo com os descritores utilizados e após o filtro norteado pelos critérios de inclusão, foram encontrados 23 resultados. No entanto, apenas 7 encaixaram-se nos critérios de elegibilidade estabelecidos e compuseram a amostra final. Os estudos analisados destacam desafios enfrentados por mulheres em situação de rua, relacionados à violência e vulnerabilidade social, como precariedade no cuidado com a saúde, na gestação, além da necessidade de políticas públicas mais efetivas e humanizadas. Todos os estudos reforçam a urgência de ações integradas que abordem saúde, gênero e marginalização, além de acesso igualitário a serviços essenciais. A revisão aqui relatada é de fundamental importância, tendo em vista a necessidade de novos estudos que amplifiquem essa temática e garantam visibilidade a essa parcela populacional.

Palavras-chave: gestantes; pessoas em situação de rua; violência; vulnerabilidade social; desassistência em saúde.

Abstract

The article aimed to understand violence against women and homelessness in the experience of pregnancy, childbirth, puerperium and the right to motherhood. Seeking to understand how women deal with this type of violence and the need for public policies and strategies that guarantee their rights and promote their protection and dignity. An integrative literature review was carried out, from August to November 2024, in the Virtual Health Library (VHL) database. According to the descriptors used and after the filter guided by the inclusion criteria, 23 results were found. However, only 7 fit the established eligibility criteria and comprised the final sample. The studies analyzed highlight challenges faced by homeless women, related to violence and social vulnerability, such as precarious health care, in pregnancy, in addition to the need for more effective and humanized public policies. All studies reinforce the urgency of integrated actions that address health, gender and marginalization, in addition to equal access to essential services. The review reported here is of fundamental importance, given the need for new studies that expand this theme and ensure visibility for this population segment.

Keywords: *pregnant women; homeless people; violence; social vulnerability; lack of health care*

1. Introdução

A experiência de pessoas em situação de rua é um fenômeno que existe ao longo da história da humanidade. Esse grupo é diverso, mas compartilha características como a pobreza extrema, laços familiares rompidos ou fragilizados e a falta de uma moradia convencional estável. Um dos grupos mais vulneráveis são as mulheres grávidas, pois além de sofrerem com a violência intrínseca à rua, a discriminação, as agressões e a desigualdade de gênero, elas vivenciam o desrespeito aos direitos sociais e fundamentais da saúde¹.

A falta de habitação para as mulheres é uma questão multifacetada, repleta de histórias de vida dolorosas, incluindo desavenças familiares, desemprego, homofobia, dependência de drogas, violência sexual, abusos, ameaças e uma situação financeira familiar instável¹. O fator determinante mais prevalente é a violência familiar que pode ocorrer durante a infância ou na fase adulta. Nas ruas, as mulheres são vítimas regulares de assédio sexual, furtos, ofensas, ameaças e gravidez não planejada². A gravidez indesejada contribui para a continuidade do ciclo de pobreza, além de resultar em abortos realizados de maneira insegura³.

Para suprir as necessidades básicas, em um contexto marginalizado, muitas mulheres acabam ocupando empregos precários, mal remunerados e com pouca proteção das leis trabalhistas, recorrendo à prostituição como forma de sustento. Essa escolha, frequentemente motivada pela falta de opções econômicas e pela vulnerabilidade social, reflete a realidade difícil que enfrentam diariamente. Isso pode ser visto como um ciclo vicioso, em que a ideologia patriarcal dominante, presente nas relações cotidianas, as empurra para essa condição, e o fato de estarem nessa posição reforça estereótipos e preconceitos associados a essa ideologia⁴.

Ademais, elas também enfrentam diversas dificuldades no acesso e na utilização de serviços de saúde, incluindo cuidados relacionados à saúde sexual e reprodutiva, como atendimento pré-natal, métodos contraceptivos e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis. A pouca utilização desses serviços pode ser atribuída a falta de informação, ao desconhecimento sobre onde buscar assistência, o medo de discriminação por parte dos profissionais de saúde e de estigmas sociais e o receio sobre possíveis implicações legais³.

Nesse contexto de desabrigo e de violência de gênero, os abrigos institucionais surgem como espaços de apoio, servindo como referências para a reconstrução de vínculos e a criação de oportunidades para o desenvolvimento pessoal em um contexto de liberdade e autodeterminação. O apoio às mulheres em situação de rua deve priorizar a prevenção da revitimização e considerar os impactos e adaptações gerados ao longo da experiência do desamparo³. Todavia, os abrigos não são suficientes para garantir a integridade psicológica e física das mulheres, eles não possuem estrutura para atender toda população e muitas não se sentem seguras por correrem risco de serem agredidas física ou sexualmente por outros residentes⁵.

Além do espaço dos abrigos, as mulheres em situação de rua necessitam de políticas contra o preconceito e a estigmatização social, constituindo-as como sujeitas de direitos, inclusive os reprodutivos e de maternidade. Medidas como a elevação de oportunidades no mercado de trabalho, qualificação e oferta de cursos e corresponsabilização entre instituições e usuários, poderão potencializar as ações ofertadas nos serviços socioassistenciais, ajudando essas mulheres a superar suas dificuldades¹.

O objetivo deste trabalho é entender sobre a violência contra mulheres em situação de rua na vivência do período gestacional, parto, puerpério e no direito de materno. Ao abordar essas questões será evidenciado as múltiplas formas de violência que essas mulheres enfrentam, assim como a necessidade de políticas públicas e estratégias que garantam seus direitos e promovam sua proteção e dignidade. A compreensão dessa realidade é fundamental para a formulação de intervenções eficazes que possam romper o ciclo de violência e vulnerabilidade, assegurando que todas as mães, independentemente de sua situação social,

tenham o suporte necessário para criar seus filhos em um ambiente seguro e saudável.

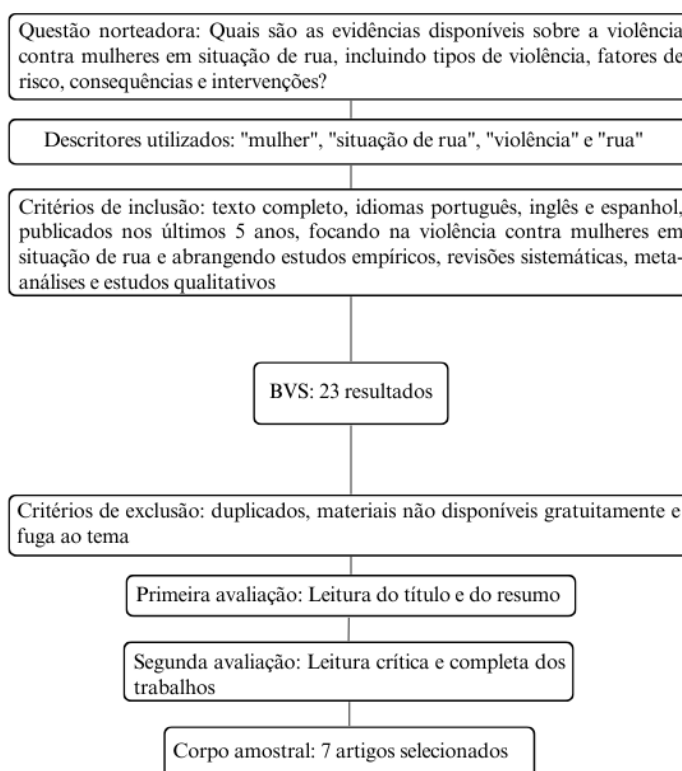
2. Metodologia

O presente estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura que visa explorar e sintetizar as evidências disponíveis em fontes secundárias sobre a violência contra mulheres em situação de rua. O estudo foi realizado durante os meses de agosto até novembro de 2024. A pergunta norteadora do estudo é: "Quais são as evidências disponíveis na literatura sobre a violência contra mulheres em situação de rua na vivência do período gestacional, parto, puerpério e no direito de maternar?"

Para realizar a pesquisa, foi utilizada a base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os estudos foram incluídos se atendiam aos seguintes critérios: publicados nos últimos 5 anos, focando na violência contra mulheres em situação de rua, disponíveis em português, inglês ou espanhol e abrangendo estudos empíricos, revisões sistemáticas, meta-análises e estudos qualitativos, com texto completo disponível. Foram excluídos os estudos que não abordavam especificamente a violência contra mulheres em situação de rua, que não estavam disponíveis em texto completo ou que eram duplicatas.

Os descritores utilizados nas buscas incluíram "mulheres", "situação de rua", "violência" e "rua". As combinações de descritores aplicadas nas pesquisas na BVS foram: (Violência) AND (Mulheres) AND (Situação de rua) AND (rua). Dessa forma, na BVS, com a combinação dos descritores supracitados e após o filtro norteado pelos critérios de inclusão previamente estabelecidos, foram encontrados 23 resultados. No entanto, apenas 7 encaixaram-se nos critérios de elegibilidade estabelecidos, e, após os filtros e leitura minuciosa, compuseram a amostra final do presente estudo.

Figura 1: Fluxograma do processo de seleção do corpo amostral



3. Resultados e Discussão

Os estudos analisados destacam desafios comuns enfrentados por mulheres em situação de rua, especialmente relacionados à violência e à vulnerabilidade social. Cerca de 100% dos artigos abordam a violência como elemento central, incluindo agressões físicas, verbais e sexuais, muitas vezes perpetradas por parceiros, desconhecidos ou até por instituições protetivas. Além disso, aproximadamente 85% dos estudos apontam a precariedade no cuidado com a saúde dessas mulheres, especialmente em momentos críticos como a gestação, parto e puerpério, expondo tanto a mãe quanto o filho a riscos significativos.

Além disso, 71% dos artigos destacam a necessidade de políticas públicas mais efetivas e humanizadas, que respeitem as especificidades dessas mulheres e garantam seus direitos básicos. Apesar de enfrentarem condições extremas, as mulheres demonstram resiliência e buscam mecanismos de enfrentamento, como redes de apoio, espiritualidade e estratégias de autoproteção. Todos os artigos reforçam a urgência de ações integradas que abordem a saúde, o gênero e a marginalização, os movimentos à emancipação social e ao acesso igualitário aos serviços essenciais.

Tabela 1: Resumo das produções científicas analisadas

| Autores e ano | Título | Base de dados | Metodologia | Dados significativos/ Conclusão |
|----------------------|--|----------------------|---|---|
| Schiaviet al., 2023 | Vulnerabilidades entre mulheres em situação de rua vivenciando a gestação, parto e puerpério | BVS | Pesquisa qualitativa desenvolvida com doze mulheres em um município do sul do Brasil, mediante análise temática de entrevistas em profundidade, sob a luz dos referenciais da Vulnerabilidade e dos Direitos Humanos. | A falta de acolhimento e políticas públicas adequadas evidenciou a negligência quanto à valorização das singularidades dessas mulheres. Destaca-se a necessidade de sensibilizar profissionais de saúde para garantir a autonomia feminina nos direitos sexuais e reprodutivos. |

| | | | | |
|------------------------|---|-----|---|---|
| Sanchoteneet al., 2019 | MARIA, MARIA: concepções sobre ser mulher em situação de rua | BVS | Estudo exploratório de cunho qualitativo descritivo, em que participaram seis mulheres, com intervalo de idade entre 25 e 55 anos, por meio de uma entrevista semiestruturada. | Constatação de que as principais concepções sobre ser mulher são associadas às violências de gênero e à frustração de uma maternidade idealizada. Abusos são relatados, cometidos por parceiros, desconhecidos ou policiais. |
| Barros et al., 2020 | Vivências de cuidado por mulheres que gestam em situação de rua | BVS | Estudo qualitativo que se fundamentou à luz da fenomenologia heideggeriana, adaptada à área da saúde. Participaram dez depoentes. Aplicou-se a técnica de entrevista fenomenológica e um instrumento semiestruturado. | A pesquisa possibilitou entender que o cuidado à saúde de gestantes em situação de rua é precário, colocando em risco mãe e filho. Autocuidado e o cuidado oferecido por profissionais e serviços são insuficientes e sem zelo. |
| Coldibeliet al., 2021 | Gênero, pobreza e saúde: revisão sistemática sobre a saúde de mulheres em situação de rua | BVS | Trata-se de uma revisão sistemática, que analisou 21 artigos, iniciando com a busca em bases de dados e a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave de todos os artigos. | Os achados destacam a interseção entre gênero, situação de rua e saúde, revelando o caráter transcultural do fenômeno e a urgência de pesquisas que apoiem políticas para garantir os direitos dessas mulheres. |

| | | | | |
|------------------------------------|---|-----|---|---|
| Souza <i>et al.</i> , 2022 | Mulheres em situação de rua: uma análise sobre violência e machismo estrutural | BVS | Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, utilizando o fluxograma PRISMA. | Esta revisão evidenciou a desigualdade agravada pela misoginia, especialmente para mulheres em situação de rua, que enfrentam precarização social e dificuldades de acesso à saúde. |
| Posada-Abadía <i>et al.</i> , 2021 | Mulheres em situação de rua e violência: um estudo de caso único utilizando a técnica de fotoelicitação | BVS | Este estudo qualitativo, com base no interacionismo simbólico e na teoria fundamentada, explora a percepção de violência entre mulheres em situação de rua. Maria (nome fictício) foi escolhida como caso principal, proporcionando uma análise aprofundada de sua experiência. | O estudo de caso aborda a violência recorrente na vida de Maria, ligada ao transtorno de estresse pós-traumático e ao uso de substâncias como forma de enfrentamento. Destaca a importância da espiritualidade e arte como estratégias de resiliência. |
| Temponiet <i>et al.</i> , 2022 | “Tudo é violência, viver é violência!”: representações sociais e vivências de mulheres em situação de rua | BVS | A pesquisa qualitativa, com ênfase em entrevistas narrativas e semiestruturadas, analisou representações sociais, violência e questões de gênero entre 22 mulheres em situação de rua em Belo Horizonte. Os dados, coletados em rodas de conversa no CREAS, foram examinados por análise de conteúdo. | Os resultados mostram que as mulheres em situação de rua enfrentam violência constante, especialmente sexual, desenvolvendo estratégias de autoproteção e buscando segurança em suas escolhas. As relações afetivas frequentemente visam proteção, e a marginalização e o sexismo afetam também mulheres trans. Apesar das adversidades, elas demonstram resiliência e busca de políticas públicas. |

A definição de violência é uma experiência, fato e fenômeno que interrompe o fluxo esperado da vida humana e social, causando trauma psicossocial. No contexto deste artigo, considera-se que a mulher em situação de rua é impactada por sua forma de existir e pelos processos identitários influenciados por discursos e transformações sociais, inclusive na forma de conceber a violência. Sendo assim, para compreender como a violência está relacionada à população em situação de

rua, é preciso compreender o que costuma levar os indivíduos a permanecerem nas ruas, como: a precariedade da vida pelo desemprego ou por estarem chegando à cidade em busca de trabalho, tratamento de saúde ou parentes. Neste caso, em razão do medo da violência e da própria condição vulnerável em que se encontram, costumam passar a noite em albergues, rodoviárias ou locais públicos de grande movimento urbano, evitando possíveis agressões¹.

Em Madri, na Espanha, uma pesquisa noturna recente identificou 2.998 pessoas em situação de rua, das quais 11,2% eram mulheres. Do total, 55,1% afirmaram ter sido vítimas de algum tipo de violência na rua².

Para compreender a representação social da violência é necessário compreender a função do feminino na contemporaneidade, para pensar nas diferentes formas de violência sobre as mulheres¹. Ademais, as mulheres em situação de rua enfrentam regularmente estupro, agressão sexual, roubo e ameaças. Sendo assim, os abrigos não são seguros para elas, pois há risco de agressões físicas e sexuais. Embora algumas vítimas de violência, como a do parceiro íntimo, possam acessar recursos habitacionais específicos, muitas vezes suas histórias incluem tipos de violência para os quais não há rede de cuidados. Além disso, suas experiências de violência podem ser ignoradas pelos profissionais, que priorizam a falta de moradia como o principal problema, alocando-as em instalações específicas para pessoas sem-teto².

Mulheres que se encontram em situação de rua possuem características específicas de vulnerabilidade social e violências que vão além das violências físicas, verbais e sexuais, elas também são expressas na forma que vivenciam o período de gestação, parto, puerpério e no materno⁶. Durante o período gestacional, o pré-natal, acompanhamento crucial nesse momento, é feito conforme as possibilidades dessas mulheres, sendo a maior parte das vezes fruto de uma busca ativa incessante de profissionais de saúde que estão engajados na causa e possuem conhecimento dos seus deveres e dos direitos dessas mulheres. Essas se sentem constantemente constrangidas em acessar e utilizar de serviços de saúde, em parte pela consciência da situação degradante que vivem e que se submetem, como pelo abuso de drogas e situações de violência que vivenciam, como pelos julgamentos por parte dos funcionários desses serviços, tornando-se barreira para os cuidados de saúde específicos⁶.

Observa-se que a condição de gestante gera uma mudança na atenção à saúde das mulheres em situação de rua, que são invisíveis sociais, porém tornam-se visíveis e usuárias dos serviços de saúde no momento em que engravidam⁶, tendo suas necessidades específicas de saúde reduzidas a um momento de suas vidas, sendo negligenciadas em todos os outros âmbitos que compõem o conceito de saúde.

No contexto da gravidez, é importante ter conhecimento das peculiaridades, riscos e vulnerabilidades desse momento no contexto de residir nas ruas, ambiente considerado inadequado para gerar um filho. Os problemas começam a surgir desde o momento inicial da gravidez, onde os primeiros sinais e sintomas, muitas vezes, não conseguem ser reconhecidos por essas mulheres, em virtude de uma ignorância, do desconhecimento do seu próprio corpo, tornando-as mais expostas⁷. Outrossim, em razão do atraso de identificação da gestação, essas seguem sua rotina de vida nas ruas habitualmente, com a continuidade do abuso de substâncias, sendo essa uma das únicas formas que elas têm como moeda de sobrevivência em meio a um ambiente degradante e de violências físicas, psicológicas e sexuais⁷.

Desse modo, o período gestacional, que naturalmente é um momento delicado onde a mulher vivencia muitos sentimentos, fragilidades, mudanças corporais, hormonais, de pensar e agir torna-se mais difícil quando enfrentado e existido nas ruas, onde as vulnerabilidades e fraturas do existir, bem como as violações de direitos e violências cotidianas coexistem⁷.

No momento do parto, as mulheres em situação de rua começam a enfrentar barreiras de acesso às maternidades em razão da sua própria condição atual de existência, decorrente da ausência de documentos, informações de endereço convencional e de transporte para o serviço. Aquelas que conseguem acessar o serviço, por vezes utilizando-se de informações falsas, como endereços falsos⁴, experimentam um cuidado condicionado a discriminações e violências obstétricas por parte da equipe prestadora do serviço, da porta do hospital à sala de parto, velada a descaso, desconfiança, juízo de valor e desinformação, vivenciam um dos momentos únicos e especiais de sua vida sozinhas, inseguras e sem apoio⁶, revelando as crueldades das violações dos seus direitos. Assim, se por um lado o não acesso aos serviços de saúde configura-se como desassistência, o acesso acarreta situações de negligência e estigmatização dessas mulheres, o que amplia suas vulnerabilidades em saúde, violências e violações de seus direitos constitucionais⁴.

O pós parto também dá continuidade às características específicas e sofrimentos do maternar nas ruas. De acordo com Schiavi⁶, mesmo em condições de amamentar, muitas dessas mulheres são privadas do aleitamento, impedidas de criarem vínculo precoce com o seu bebê, demonstrando repercussões negativas e imediatas de separação, além de impedi-las de vivenciarem experiências com seus filhos. Outrossim, no momento de saída da maternidade, essas mães saem sozinhas, sem seus filhos, que são encaminhados para abrigos de acolhimento estatal em virtude do contexto de extrema vulnerabilidade que ameaça a vida da criança, sendo essa retirada compulsória feita sem sutileza e marcada de dor e sofrimento para ambas as partes, com vínculo rompido. Assim, o direito de exercer a maternidade é negado a essas mulheres, sendo esse um fenômeno denominado de desmartenização.

Ainda nessa situação, muitas mulheres buscam abrigos de família institucionais com o objetivo de tentar manter e exercer sua maternidade de direito, porém, em razão da rigidez desses locais, elas são constantemente ameaçadas pelos profissionais de serem impedidas de conviverem com seus filhos em caso de descumprimento das regras da casa⁸. Evidencia-se que essas instituições não têm o ímpeto de tentar proteger, auxiliar e efetivar a rede de cuidado que essas mulheres precisam para que exerçam sua maternidade, sustentando-se, na verdade, em aparatos ideológicos de manutenção da perspectiva culpabilizante, moral e julgadora dessas mães, colocando-as como incapazes. A ação estatal de separar mãe, família e comunidade dessas crianças institucionalizadas, as submete à prejuízos e danos imensuráveis que vão refletir em sua criação, desenvolvimento e condutas ao tornarem-se adultos, visto que crescem desconectadas com suas histórias de nascimento, gerando narrativas e sentimentos distorcidos de abandono e negação, sendo um violação também dos direitos dessas crianças⁶.

Nota-se que a visão de saúde da mulher que reside nas ruas e as políticas voltadas a essas são quase exclusivamente vinculadas à maternidade⁶. A questão reprodutiva torna-se a única necessidade valorizada no âmbito do processo saúde-doença dessas mulheres, que possuem vínculo com os serviços de saúde enquanto permanecem grávidas, em razão do pré-natal. Dessa forma, inúmeras barreiras

impostas são identificadas nos estudos, como a burocratização do acesso, escassez de serviços especializados para esse público, falta de suporte social, abordagem inadequada dos profissionais, experiências prévias negativas, falta de informação e os medos, estigmas, violências e discriminações envolvidas⁶. As mulheres que conseguem acessar aos serviços de saúde relatam ainda a sensação e o sentimento de não serem verdadeiramente ouvidas, compreendidas, nem de terem suas queixas, questões, problemáticas levadas a sério pelos profissionais, levando-as a acreditar que, por vezes, são diagnosticadas de forma errada e em excesso⁴. Conclui-se que essas mulheres permanecem “invisíveis” perante as instituições de saúde e as políticas públicas voltadas a pessoas em situação de rua⁴.

A partir da discussão feita, acredita-se que o gênero influencia na forma que a vida nas ruas é experienciada. As mulheres, apesar de serem minoria nas ruas quando comparadas aos homens, estão sujeitas a mais situações de vulnerabilidade, opressões e violações de direitos, tornando sua permanência nas ruas ainda mais difícil⁵ e essa já é uma forma de violência contra elas⁸.

Sendo assim, é de fundamental importância trabalhar contra o preconceito e a estigmatização social das mulheres que estão em situação de rua no Brasil, constituindo-as como sujeitas de direitos, inclusive os reprodutivos e de maternidade. Medidas como a ampliação de ofertas no mercado de trabalho, bem como redes de proteção e apoio a essas; qualificação e oferta de cursos, escolarização e corresponsabilização entre instituições e usuários, poderão potencializar as ações ofertadas nos serviços socioassistenciais, avistando a superação dessas mulheres em situação de rua¹.

Destarte, é preciso evitar a revitimização das mulheres e promover seu empoderamento usando uma abordagem de pesquisa baseada no trauma. Entender e analisar mais profundamente as biografias moldadas pela violência e os efeitos dessa violência nos diferentes aspectos do indivíduo é extremamente relevante e necessário para o desenho de políticas e estratégias que sejam capazes de atender às demandas de cuidado².

4. Conclusão

A partir desta revisão de literatura, atesta-se que, apesar dos homens serem percentualmente maioria nas ruas, as mulheres são o grupo populacional que, mesmo em menor quantidade, enfrenta as mais diferentes formas de violência quando em situação de rua, sejam elas físicas, sexuais, morais e, principalmente, de direitos, sociais e reprodutivos. Ser mulher nas ruas possui nuances do patriarcalismo enraizado na sociedade atual, da cultura de misoginia imposta e do machismo.

Os achados dessa pesquisa evidenciam que as dificuldades, discriminações e violências as quais as mulheres estão expostas nas ruas repercutem na vivência da gestação, parto, puerpério e no direito de maternar, sendo essas explícitas frente a uma carência de políticas públicas que abordem as particularidades desse grupo. A falta de sensibilidade e capacitação dos profissionais da área de saúde também corrobora para tal realidade, promovendo a continuidade da violação de seus direitos.

Conclui-se que o cuidado à saúde de mulheres em períodos de gestação, no momento do parto, no puerpério e o direito de maternar são fragilizados e precários, fazendo-se necessário maiores investimentos em políticas públicas e em investigações que produzam mais conhecimento sob essa perspectiva. Sugerem-se

novos estudos que amplifique essa temática e garanta visibilidade a essa parcela populacional, atentando-se sempre para suas necessidades específicas.

Referências

1. TEMPONI SRN, Almeida A, Silva M, et al. “Tudo é violência, viver é violência!”: representações sociais e vivências de mulheres em situação de rua. **Rev Psicologia Diversidade Saúde**. 2022.
2. POSADA-ABADÍA CI, Cárdenas M, Rojas C, et al. Women in a situation of homelessness and violence: a single-case study using the photo-elicitation technique. **BMC Women's Health**. 2021;21(1):216.
3. Gonçalves Barbosa N, et al. Sexual assault and vulnerability to sexually transmitted infections among homeless Brazilian women: a cross-sectional qualitative study. **BMC Womens Health**. 2023;23(1):561.
4. COLDIBELI LP, de Paiva FS, Batista CB. Gênero, pobreza e saúde: revisão sistemática sobre a saúde de mulheres em situação de rua. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**. 2021;20(1):e38015.
5. SOUZA MMA, Oliveira D, Santos P, et al. Mulheres em situação de rua: Uma análise sobre a violência e machismo estrutural. **Nursing (Ed. bras., Impr.)**. 2022; p. 7918-29.
6. SCHIAVI CEN, Ferreira J, Lima M, et al. Vulnerabilidades entre mulheres em situação de rua vivenciando a gestação, parto e puerpério. **Escola Anna Nery**. 2023;27:e20220384.
7. BARROS KC, Ferreira J, Silva L, et al. Vivências de cuidado por mulheres que gestam em situação de rua. **Rev Rene**. 2020;21(1):34.
8. SANCHOTENE IP, Antoni C, Munhós AAR. Maria, Maria: concepções sobre ser mulher em situação de rua. **Textos Context (Porto Alegre)**. 2019 Oct;18(1):146-60.